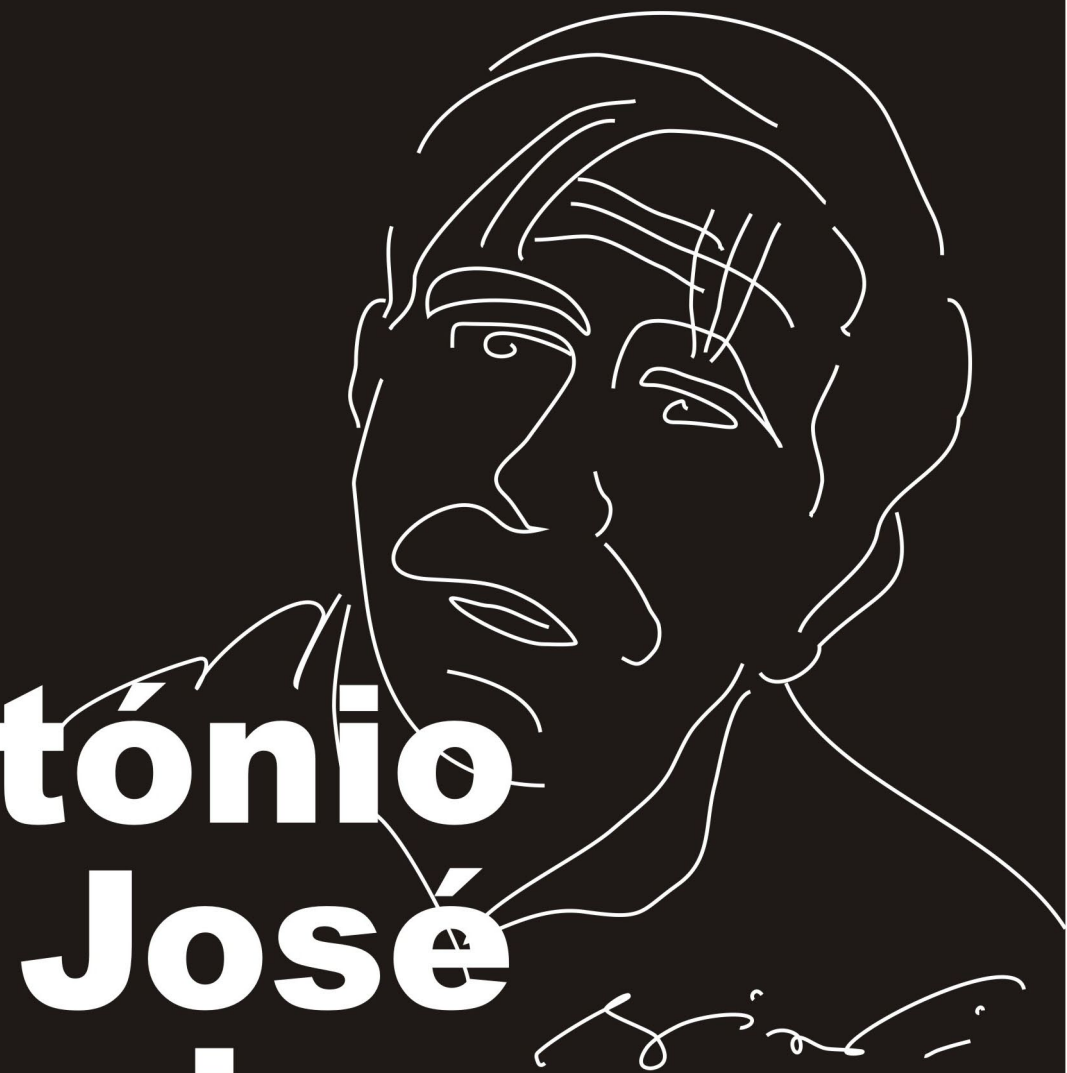


Dossiê temático-pedagógico sobre a figura e a obra de
António José Saraiva (1917 - 1993)

António José Saraiva



Título

Dossiê temático-pedagógico sobre a figura e a obra de António José Saraiva (1917-1993)

Autores

Ana Veigas
Carla Lourenço
Carlos Caetano
João Barata

Coordenação

Luís Filipe Santos
Eulália Alexandre
Ana Luísa Neves
Lina Varela

Editor

Ministério da Educação e Ciência
Direção-Geral da Educação

Diretor-Geral

Fernando Egídio Reis

Conceção Gráfica e Imagem

Manuela Lourenço

Paginação

Olinda Sousa

Data

2014

ISBN

Apresentação do Diretor-Geral da Educação	5
Objetivos do dossiê	7
1 – Perfil de António José Saraiva	11
1.1 – António José Saraiva – Algumas referências cronológicas da sua vida e obra	11
1.2 – Maria Isabel Saraiva: um esboço biográfico de António José Saraiva	14
1.3 – Evocação de António José Saraiva pelo seu irmão José Hermano Saraiva	15
1.4 – Documentos e testemunhos sobre a figura, a obra e a intervenção cívica e cultural de António José Saraiva	16
1.4.1 – Fotografias	17
1.4.2 – Outros documentos	21
1.4.3 – Entrevista a António José Saraiva	29
1.4.4 – Testemunhos sobre António José Saraiva	30
1.4.4.1 – Bernardo Vasconcelos e Sousa	30
1.4.4.2 – Elísio Summavielle	32
1.4.4.3 – Guilherme d’Oliveira Martins	34
1.4.4.4 – Helena Buescu	36
2 – António José Saraiva: o percurso singular de um intelectual português do século XX	41
3 – Seleção de apontamentos e ensaios sobre António José Saraiva e sobre alguns dos seus grandes temas	55
3.1 – Maria de Lourdes Belchior <i>et al.</i> : “Nota de Abertura”	56
3.2 – Agostinho da Silva: “Para António José Saraiva”	56
3.3 – José Mattoso: António José Saraiva	57
3.4 – Luísa Dacosta: “Para um Amigo”	57
3.5 – Teresa Rita Lopes: “O «Criador de Anarquias» - «Criador de Civilização»”	57
3.6 – Guilherme d’Oliveira Martins: “A Vida dos Livros”, de 25 a 31 de março 2013	58
3.7 – Margarida Braga Neves: “Da Crítica como Diálogo”	58
3.8 – J. Almeida Pavão: “António José Saraiva e os Estudos Vicentinos”	58
3.9 – Margarida Vieira Mendes: “Gil Vicente: o Génio e os Géneros”	59
3.10 – Leonor Curado Neves: “Um Leitura do Episódio do Adamastor: sobre um Artigo de António José Saraiva”	59
4 – Bibliografia de António José Saraiva	63

5 – Antologia de textos de António José Saraiva.....	67
5.1 – Fernão Lopes.....	67
5.2 – Gil Vicente	107
5.3 – Camões e “Os Lusíadas”	146
5.4 – Fernão Mendes Pinto	181
5.5 – O Padre António Vieira e as vias da Literatura Seiscentista Portuguesa	203
5.6 – Correia Garção e a poética da Arcádia Lusitana.....	211
5.7 – Almeida Garrett e Alexandre Herculano	241
5.8 – Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco.....	263
5.9 – Antero de Quental, Oliveira Martins e Eça de Queirós	275
5.10 – Páginas de intervenção cívica e reflexões sobre Cultura, História, Literatura e Educação	368
Ligações para ensaios e artigos de António José Saraiva disponibilizados <i>on line</i>	447
Agradecimentos	449

1.4.4.4 Helena Buescu: “ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA - ENSINAR A LER”

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA – ENSINAR A LER

Helena Carvalhão Buescu
Centro de Estudos Comparatistas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Nunca me esquecerei de uma reunião geral de Departamento, com professores e alunos, nos idos de 1975, em que o recém integrado (e respeitadíssimo) António José Saraiva, depois de ouvir longos debates e acesas discussões sobre o que se pretendia com a avaliação dos alunos, os procedimentos a adoptar, os critérios a seguir (ou não), pediu a palavra, se levantou com cuidado e disse, num tom de voz resguardado (que contrastava com as vozes alteadas dos contendedores que o tinham antecedido): “Eu queria propor que se desse o diploma de licenciatura aos alunos quando eles fossem admitidos na Faculdade. Depois, só cá ficavam os que queriam mesmo aprender...”. E sentou-se. Fez-se silêncio na sala. Era uma frase radical, na realidade ninguém sabia como reagir a ela.

Creio que, se a memória não me falha, o consenso geral dos presentes foi no sentido de interpretar aquela frase como uma benigna e mordaz crítica à anterior exaltação dos ânimos. Não me recordo de essa proposta ter sido realmente discutida ou votada, e o seu autor saiu aliás da sala pouco tempo depois. Mas fiquei sempre convencida de que, sendo embora uma frase irónica, havia na proposta de António José Saraiva uma substância radical que reflectia a sua convicção sobre o que era ensinar e aprender. Sobre, se quisermos, a dignidade intrínseca de quem queria ensinar e de quem queria aprender. Escrevo estas linhas poucos dias depois da recente morte do colega, amigo e interlocutor dilecto de António José Saraiva que foi Óscar Lopes. Quer um quer outro destes dois mestres foi um pilar da escola do respeito pela literatura, pelo seu ensino e pela sua aprendizagem, em Portugal. Os dois assinaram aquela obra magistral, ainda hoje obra de referência, que foi a *História da Literatura Portuguesa*. Os dois foram intensos colaboradores na sua constante feitura e refeitura, num processo de insatisfação que a ambos acompanhou ao longo de toda a sua vida de pensadores. Essa colaboração, que soube comportar aliás visões não necessariamente convergentes, disse muito sobre ambos e disse muito sobre o que é reflectir criticamente: cada um pensa com os outros, em resposta a outros, dialogando com eles. No século XX, esta obra terá sido um dos mais sólidos edifícios críticos que o pensamento em Portugal soube construir. E o lugar que nela desempenhou António José Saraiva foi, como sabemos, decisivo.

Igualmente decisiva foi a extensão do seu saber e o carácter insaciável das suas leituras e das suas meditações. António José Saraiva pertenceu a essa família de intelectuais que não entendiam a especialização como a descoberta de um “nicho” protector (em que desejavelmente poucos outros deveriam entrar). Pelo contrário. Verdadeiro filólogo, no sentido literal e

aliás também etimológico da palavra, Saraiva leu abundantemente autores entre si muito diversos, mas cujo conhecimento o fazia justamente rever, compreender de outra forma, alterar leituras e avaliações, propor novas formas de interpretar – em suma, dar conta do carácter sempre insatisfeito que caracteriza o discurso de todo aquele que ama a sabedoria. Hoje, muitos considerariam impossível escrever com conhecimento de causa, seriedade e justeza crítica e teórica simultaneamente sobre, por exemplo Fernão Lopes, Camões, P.e António Vieira e Oliveira Martins. António José Saraiva ofereceu sobre todos eles leituras de uma impressionante agudeza crítica, de facto revolucionando a forma como eram entendidos e interpretados. As suas leituras sobre Vieira, a missionação crítica que este protagonizou, e o seu legado utópico através do Quinto Império; a forma como longamente analisou a mestria narrativa e político-ideológica de Fernão Lopes historiador; as leituras (aliás evolutivas) *d’Os Lusíadas* e, em especial, os contributos para a discussão da sua estrutura, ou de episódios centrais como o Velho do Restelo ou a Ilha dos Amores; a sua consideração da paradigmática Geração de 70 e, nela, de autores decisivos como Eça de Queirós, Antero de Quental e Oliveira Martins – António José Saraiva renovou, com as perspectivas que defendeu, a compreensão crítica de todos estes autores e de muitos outros, sobre os quais produziu leituras que continuam hoje a ser de conhecimento imprescindível. Recordo, entre outras, as interpretações que propôs sobre Fernão Mendes Pinto, sobre Júlio Dinis, sobre Almeida Garrett, sobre Alexandre Herculano. Relativamente a todos eles, duas características sobrelevam: o grau de inquietação que o fazia interrogar e, sempre que possível, tornar a interrogar aquilo que já tinha antes visitado, procurando novos ângulos e novos pontos de vista; e a capacidade de implicar na literatura o saber mais geral do mundo, sem entretanto deixar de atender, de forma central, à dimensão artística do fazer literário.

Talvez tenha sido esta a razão pela qual o seu saber caleidoscópico (como Vitorino Nemésio dizia de Garrett) encontrou também nos estudos de cultura um dos seus mais amplos e consistentemente perseguidos centros de interesse. Para António José Saraiva, não havia qualquer contradição ou incompatibilidade entre o que a literatura é e faz e a dimensão cultural de que participa e de que é parte integrante. Pelo contrário: para ele, aquilo que a cultura era não podia deixar de passar, impreterivelmente, pelo fazer literário, visto ser este que de algum modo abarca, de forma visceralmente democrática (e o argumento era para ele central), a complexa dimensão humana que se exprime através da linguagem.

Havia uma certeza: era sempre possível fazer perguntas inesperadas sobre coisas que se julgavam consabidas. O lugar do pensador inquieto e do mestre inventivo que foi António José Saraiva sempre foi este. Ensinar a ler como quem sabe que é possível ensinar a pensar.